



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

1 de Março de 1997 • Ano LIV - N.º 1382
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788698 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Cinquenta e três anos

EM terça-feira de Carnaval de 1947 foi a primeira vez que visitei Paço de Sousa. Pelo dia, cumpriram-se esta semana cinquenta anos; outo-tanto de assinante d'O GAIATO. Mas, desde o número um era leitor assíduo que, em Lisboa, o descobri e ia buscar à Casa do Ardina, na Calçada da Glória; e a partir de Novembro de 1945, às mãos do «Elvas» que o distribuía nas ruas do Porto e foi o meu primeiro encontro. Que voltemos a encontrarmos qualquer dia, no Céu!

Do Padre Américo ouvira falar, fugazmente, no Verão de 1943. Mas foi O GAIATO, meses depois, que me revelou o ser da Obra da Rua. A mim, como a tantos dos nossos Leitores no correr dos cinquenta e três anos que o Famoso perfaz em cinco de Março próximo!

Estes dias, uma velha Amiga, da Rua de Santa Catarina, mandava a sua lembrança, amiúde repetida, e recomendava como sempre: «Olhem que o meu Jornal vem e virá em nome de meu pai, leitor apaixonado que nos contagiou da sua paixão!» Ele partiu há muito e ela procura contagiar filho e netos para que esta paixão permaneça património familiar.

Em nossa consciência O GAIATO é não só parte integrante da Obra de Pai Américo, mas parte proeminente.

Neste dia — tradição que conservamos religiosamente — o Jornal pertence mais do que nunca aos Leitores. Deixá-los dizer, da abundância do coração, o que nós também sentíamos quando simples leitores e, agora, responsáveis por ele, continuamos a sentir, mas temos pudor de proclamar, não se tomasse por auto-elogio. Aqui, porém, não cabem elogios. O que cabe é o louvor a Deus pela Palavra que nos comunica em Jesus Cristo, presente no quotidiano dos homens. Quantas vezes, sem sabermos uns dos outros, na mesma edição, tocamos o mesmo tema em variações que colhem dele e o esclarecem. Não era Pai Américo o primeiro admirado?: «Mas fui eu que escrevi isso...?!»

Quanto mais nós!...

O GAIATO é, pois, das presenças mais sensíveis do Deus-Conosco que é Jesus Cristo. A Ele só todo o louvor e toda a glória! E a nossa acção de graças.

Padre Carlos

Património dos Pobres

Consciência social mal formada permite e aceita este viver

O Tribunal da comarca daquela terra chamou por nós. Causa: o filho dum casal não vai à escola e anda por lá na vadiagem. Falta de autoridade.

Os pais têm dez filhos menores e a filha mais velha já com uma criança.

Fomos à procura, à espera de remédio e de solução. O casebre que habitam, dá a impressão de que só de pé caberão lá todos. Um janelo dá toda a luz. A entrada é por um corredor escuro. Tudo escuro!...

Naquela tarde encontrámos, na ruela junto ao casebre, o pai a tentar consertar uma bicicleta velha e junto dele o filho de que famos à procura. Tem treze anos, vestuário e aspecto abandonado.

Vieram logo mais dois, um de quinze e



Neste casebre habitam doze pessoas. Como?!

outro de dezasseis anos. Todos altos e estreitos.

Dissemos o que ali nos levou — ajudá-los. O moço respondeu imediatamente: — *Eu não quero ir!* O irmão de quinze atalhou: — *Não queiras ir!*

O pai, homem novo, enxuto de carne, limitava-se ao querer dos filhos. A liberdade de agora, em que cada um faz o que quer. Ele anda de porta em porta a comprar ferro velho e aceita todos os copos de vinho que lhe oferecem. É a sua vida. Quando chega a casa mais parece um ser perdido. A mãe trabalha fora.

Procurámos dialogar, mas sem efeito. Estávamos para retirar quando chegaram mais dois, de sete e oito anos, com um molhito de grelos de nabo e uma saqueta de plástico com uns pãezitos que tinham ido

buscar ao centro da aldeia. Os grelos e os pãezitos eram o comer da ceia daquele dia. Grelos e pão, pão e grelos, assim se alimenta uma família de crianças.

Apareceram ainda mais dois pequeninos com cara de fome e aspecto de abandono. Regressámos tristes com tal modo de vida ou de vegetar.

No dia seguinte voltámos, também à tarde, sol ainda alto. Chamámos, mas ninguém apareceu. Uma vizinha informou: — *Devem estar lá dentro, mas nunca respondem. Não fazem nada. Andam por aí. Só a mãe trabalha fora, aos dias. É uma escrava!*

Tivemos a tentação de gritar bem alto a toda a gente daquela terra que vive bem.

Continua na página 4

BENGUELA

Tempo forte

ESTAMOS a chegar ao coração da Quaresma. É tempo forte que nos convida à partilha maior dos nossos bens. Temos que nos renovar sempre para mais e melhor. Quando penso na viúva do Evangelho que deu do que lhe fazia falta, vejo à minha frente um caminho longo a percorrer. Há que não ter medo de perder, quando damos por amor.

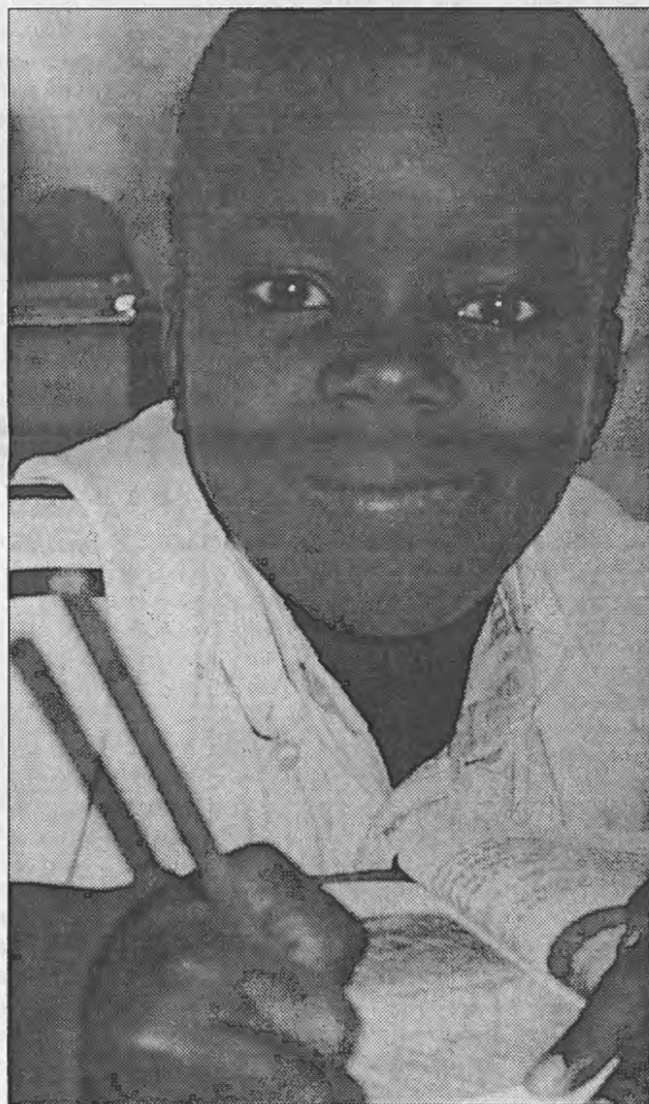
Cada dia, olho em redor da nossa Casa do Gaiato e, de cada vez, vejo mais para fazer ao serviço destes filhos e deste povo. Mais grave ainda quando não fazemos o que podemos. Ao falar deste modo, penso na tentação do cansaço que nos bate à porta, convidando-nos a virar as costas aos que nos procuram. É, na verdade, um perigo para quem está metido nestes trabalhos. Por isso, este tempo forte da Quaresma é um convite exigente a ver no Outro sempre o Irmão.

É já tradicional, no Brasil, por esta altura, a *campanha da Fraternidade*, a nível nacional. Quem dera chegue depressa a hora em que a Igreja de Angola, atenta ao perigo, à vista, dum crescimento económico desequilibrado, com o povo excluído, lance a *campanha da Fraternidade*. O desenvolvimento dum povo só é, de verdade, quando ele participa, na sua legítima medida, da riqueza nacional.

O GAIATO faz anos

Ao longo do tempo da sua existência, a mensagem da Fraternidade tem sido o alimento repartido pelos seus Leitores. Alimento rico que gera vida e comunhão. Daí o seu vigor e juventude. Que continue a ser conhecido e amado.

Padre Manuel António



Colaboração

N. da R. — O correio dos Leitores aberto diariamente à pressão, é uma hora transcendente da nossa vida, que O GAIATO procura ser *espe-lho* em toda a sua dimensão.

Pai Américo teve sempre um gosto especial por essa hora, motivando-lhe *despachos* muito pessoais, específicos da sua grandeza d'alma e do seu hom humor, também.

Endossamos à Providência divina o tesouro espiritual que aí vai, em letra de forma. Assim como muitas outras cartas, dariam para várias edições!, que guardamos religiosamente para próxima oportunidade. Pedacos de Vida, da vida, que fazem d'O GAIATO, da Obra da Rua, uma descoberta do Mandamento Novo. «Esperança que se renova quinzenalmente», diz um caminhante. Outro, com o «entusiasmo da juventude», afirma que «O GAIATO nunca envelhece!». E, cada um a seu modo, não se repetem. Expressam a beleza da Criação.

Mensagem

Pena que esta mensagem não seja lida pelos nossos governantes...!

Mas, o mundo é assim! Esta ambição e labuta constantes não dão muito espaço para as coisas do espírito, da fraternidade.

Esquecemo-nos de que «a vida humana é como as folhas das árvores, umas vão e outras vêm».

Assinante 65688

«Pão dos Pobres»

Hoje, dia em que o santo Evangelho fala do Amor a Deus e ao Próximo, não quero deixar passar esta data sem enviar uma pequena migalha.

Sensibilizou-me muito ter ouvido na homília da Missa dominical, a que assisti na Igreja da Sagrada Família, um extrato do livro Pão dos Pobres que, por sinal, vem publicado n'O GAIATO de 26/10/96.

Peço a Deus que vos ajude a colher «bons frutos da seara que plantam» e sensibilize os corações empedernidos.

Assinante 32446

Viver em verdade

Cada vez que leio o nosso O GAIATO como livro de meditação, gostaria de ter uma «varinha mágica» que resolvesse os problemas que diariamente vos aparecem.

Se nos dispuséssemos a viver em verdade o nosso cristianismo e nos capacitássemos de que apenas somos administradores do que

Deus nos dá, o que por vezes se gasta mal gasto, resolveria todos os problemas.

Assinante 8009

Faz-me bem ler O GAIATO

Faz-me bem ler O GAIATO, apesar da grande tristeza que sinto ao ver tanta gente, em pleno século XX, a viver em míseras condições! Mas, ao mesmo tempo, uma grande alegria por verificar que neste mundo egoísta, ainda existem pessoas com um coração grande e cheio de amor, graças a Deus.

Agora, sinto que os pais do meu netinho lhe dão o amor a que toda a criança tem direito para que, um dia, possa ser o homem que todos desejamos.

Assinante 14903

Amigo certo há quarenta anos

Saldo a dívida para com O GAIATO, amigo certo que me entra pela porta, de quinze em quinze dias, há quarenta anos e cuja leitura emocionada, enternece, questiona e me faz tanto bem!

Não é preciso agradecer, pois sou eu que estou muito grata pela oportunidade e satisfação que dais de poder ser útil, ainda que de forma tão incipiente.

Assinante 31282

Delicadeza

O tempo passa veloz. E é hoje, é amanhã. Quando penso que é amanhã, passaram dias, meses, anos. Enfim, há sempre uma hora em que dizemos: — É hoje! Foi o que aconteceu comi-



Gaiato

go. Peço desculpa pelo desleixo; mas, acreditem, é sempre um baque no meu peito quando recebo O GAIATO.

Assinante 28654

Bem haja!

O GAIATO é aquele Jornal que, sistematicamente, aparece na caixa do correio, sem qualquer aviso de atraso de pagamento! Bem haja por ele e creiam que têm nesta assinante uma leitora assídua que deixa tudo para o ler de ponta a ponta; e rara é a vez que não termino a sua leitura com lágrimas nos olhos! Que Deus dê muita força e coragem a todos os que educam esses filhos que encontram na Rua, sem nada receberem em troca, a não ser, muitas vezes, a ingratidão humana e (aí é que está o segredo) aquela Alegria interior de trazerem mais e mais ovelhinhas para o Rebanho do Senhor. Pela parte que me toca, obrigado pelo bem que fazem a esses meus irmãos.

Assinante 43431

Uma companhia

O GAIATO dá-me tanta alegria, sempre que o recebo! Leio-o de «fio a pavio», como se costuma dizer. Fico tão rica quando acabo de o ler!... É uma companhia para mim que sou viúva e já com alguma idade.

Assinante 58830

Descreve a vida dos que sofrem

Há mais de um ano que um amigo, pelo Natal, me ofereceu — não só a mim mas a um grupo de amigos — a assinatura d'O GAIATO. Já conhecia a Obra da Rua e a publicação, há muitos anos, e tinha por ela a maior admiração. Mas o comodismo...

O GAIATO traz-me, melhor, traz-nos a descrição da vida dos que sofrem e da luta dos que tanto se lhe dedicam. Daqueles que sofrem e que Deus guarda especialmente no Seu Coração...

O GAIATO faz-me sentir perplexo pela abundância que tenho e que posso dar às minhas três filhas.

O GAIATO faz-me sentir mais agradecido a Deus pelas condições de vida material e psicológica.

O GAIATO confronta-me com uma realidade que, embora a tenha bem presente, às vezes parece distante e inverosímil.

O GAIATO lembra-me, sempre, que há pessoas com muita coragem, amor, abnegação, que Deus guarda especialmente no Seu Coração. Isso eu sei.

O cheque não se destina a comprar tranquilidade espiritual, a desculpabilizar consciências, a atenuar remorsos — embora o texto acima o possa, eventual e erradamente, conduzir a essa assunção. É mesmo pelo valor intrínseco da Obra da Rua. Porque é preciso continuar a levar algum conforto material e psicológico aos que aparentemente não entram e não contam para o plano do mundo e das coisas.

Assinante 65023

Mais do que necessito e mereço

Já nem sei há quanto tempo não enviava uma ajuda! Preguiça, muito mais que esquecimento, pois nunca deixei de reparar na regularidade com que O GAIATO chegava a quem o não merecia — como eu. Deus tem-me dado mais do que necessito; e muitíssimo mais do que mereço.

Assinante 16844

Expressão de fraternidade

Nem as muito e permanentes preocupações (todas as temos) justificam tão longa ausência. A migalhinha, insignificante expressão de fraternidade, constitui o reinício duma presença que jamais esquecerá — a Obra do Padre Américo. Um abraço do tamanho do mundo.

Um leitor

Desperta corações adormecidos

Dou graças a Deus por me terem feito assinante d'O GAIATO, pois ele é fruto de boa semente e desperta os corações adormecidos — como o meu.

Assinante 65984

Sempre vertical

É sempre uma alegria ler O GAIATO. Sempre vertical. Sempre igual a si mesmo, sem cedências. Sempre verdadeiro. Será difícil encontrar leitura tão incomodativa! Se todos o entendessem!...

Assinante 13747

Agradecida

Não agradeçam o contributo para o «Famoso», pois a

agradecida sou eu pelo bem que a leitura do «pequenino» Jornal me faz.

Assinante 28444

O prazer de receber e de o ler

O prazer de vos receber e de o ler, merece mais do que o valor da assinatura d'O GAIATO. Prouvera Deus que pudesse mandar bem mais.

Assinante 9707

O sentido que devemos dar à vida

Obrigado pelo vosso Jornal, «pão» espiritual que ajuda a discernir onde está Deus e qual o sentido que devemos dar à vida. Bem haja!

Assinante 65841

Fonte de reflexão

O GAIATO continua a ser, para mim, fonte de informação, reflexão e luz que, por vezes, é orientação nos caminhos da Vida.

Assinante 17731

Ajuda-me a ter fé

O GAIATO ajuda-me a ter fé em Deus. Quando o retiro da caixa do correio só o largo no fim da leitura. Toda a doutrina nele contida é, de facto, a do Criador, razão porque me alegra a sua chegada e admiro o trabalho em vossas Casas.

Assinante 11491

Muitas vezes choro em silêncio

Sou reformada. Tenho problemas

familiares. Mas o bem que disfruto ao ler O GAIATO! Assim que o recebo, leio-o todo e, muitas vezes, choro em silêncio por não poder ajudar os Pobres. Peço a Deus vos proteja para continuarem a tarefa que Pai Américo deixou.

Assinante 66067

Saudável visita

Embora pequenino — há que atender a várias finalidades — o cheque serve para, nesta quadra significativa, enviar o abraço fraterno de quem vos acompanha há muitos anos, e se enriquece permanentemente com a saudável visita d'O GAIATO.

Assinante 27942

Uma esperança que se renova quinzenalmente

O GAIATO é, talvez, um dos poucos que se publicam no País, onde se sente a Mensagem de Cristo. Neste mundo transviado em que vivemos, a Obra do Padre Américo reconforta-nos pelo que significa de paz e de amor. É uma esperança que se renova quinzenalmente.

Assinante 20463

Presença simbólica

Mais uma vez, com a ajuda de Deus, a minha presença simbólica. Continuo admirando O GAIATO, único jornal que consigo ler — e a Obra da Rua que ele representa.

Assinante 28725

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Fevereiro: 71.000 exemplares.

dos Leitores

Obra da Rua

Obrigada Pai Américo

Tive a graça de receber o comentário do Pai Américo a uma carta que lhe escrevi na minha juventude. Nessa altura eu era uma jovem cheia de sonhos de bondade e amor, amor universal. Até pensava que podia modificar o mundo!

Pai Américo conseguiu-o um pouco, com a sua bondade e a sua santa e sábia palavra.

Muitos rapazes foram e são salvos da desgraça. O Património dos Pobres dá casas a muita gente. O Calvário suaviza a sobrevivência de muitos doentes. O GAIATO leva a muitas pessoas uma mensagem de paz e amor.

As vezes, penso que um dia o voltarei a encontrar e terei com ele uma grande conversa e direi que a sua palavra me ensinou muito e me deu forças para viver, inteira, corajosa, humana, sempre com o desejo de ser cada dia um pouco melhor.

Obrigada Pai Américo.

Assinante 9129

O «Quim Mau»

Acabo de receber o nosso O GAIATO e aproveito para transmitir o seguinte: de facto, o rapaz que serviu (de braços abertos) para ex-libris da Obra da Rua e d'O GAIATO, é o «Quim Mau», que conheci bem quando ele era pequeno e fazia passar «as passas do Algarve» à sua pobre mãe. O «Quim Mau», assim era conhecido universalmente em Coimbra, chegou a ser aluno de minha mãe na Escola de S. Bartolomeu,

junto da Estação Nova. Vi algumas vezes a mãe dele chorar junto da minha e as duas impotentes perante as «aventuras» do «Quim Mau».

Assinante 27598

Rocha firme e sólida

Todas as palavras nunca seriam suficientes para nelas vos congratular, pela Obra da Rua, e todas as mensagens que dia a dia lançais ao mundo.

Que sejais sempre boa semente, lançada em terra fértil, longe das aves de rapina. E que o louvor ao Ser Humano se multiplique nas acções e realizações, que o moldem na forma única da essência do eterno Nazareno.

No redemoinho em que nos encontramos, é a rocha firme e sólida dessa enorme folha de papel que diz que a nossa mágoa é tão pequenina, junto daqueles que não vivem..., mas lutam desesperadamente para conseguirem passar mais um dia!

Não é um tijolo, um pedaço de pão ou uma peça de roupa; mas, simplesmente, um «estou aqui com a minha voz e a minha força, apoiando-vos incondicionalmente!».

Assinante 66949

Modesto contributo

O nosso modesto contributo para a maravilhosa Obra que Pai Américo deixou para quantos, doutra forma, não teriam lugar à mesa da sociedade egoísta e cega em que vivemos.

Olhando para a Obra da Rua, quase ape-tece parafrasear o livro do Precónio Pas-

cal: «Ó feliz culpa que tão grande Redentor mereceste»; e dizer: «Ó imensa miséria que tão grande Obra...»

Seria bem melhor que instituições como a que o Pai Américo deixou não existissem, mas...

Desde que começámos a integrar o universo dos que partilham um pouco convosco, sempre procurámos multiplicar por dois o aniversário do nosso casamento que ocorreu há vinte anos; neste ano particularmente difícil do ponto de vista económico, queremos manter o propósito.

Muito obrigado pela óptima reflexão que nos ajudam a fazer pela leitura d'O GAIATO.

Assinante 42318

Levar-vos-ei no coração

Peço desculpa de enviar, tardiamente, os votos da quadra, embora o faça com todo o carinho. A falta de forças e os noventa ultrapassados, levaram-me a este atraso.

África

Gritos de dor e de alegria

O GAIATO continua cada vez melhor. Que bem faz a sua leitura neste mundo de tanta miséria, principalmente moral!...

As crónicas de Angola e Moçambique são gritos de dor e, também, a alegria de começarem a germinar os grãos deitados à terra. Um trabalho muito ingrato, até certo ponto, porque a maior parte dos jovens, desde que nasceu, só viu guerra, roubo, ódio entre os homens. Parece que talvez em Moçambique as coisas estejam melhores.

Assinante 35016

Andei por Angola

Andei por Angola, donde vim fugido da guerra. Depois, fui para a América do Sul, desempenhando, num Consulado Geral de Portugal, actividade sócio-cultural junto dos nossos emigrantes.

Por ter completado setenta anos, regressiei a Portugal na situação de aposentado, com uma reforma insuficiente, visto que os vinte e um anos que passei

em Angola não contaram para o efeito.

Durante todos estes anos não deixei de ler, sempre de ponta a ponta, todos os números d'O GAIATO. Algumas vezes, dez ou mais exemplares, uns a seguir aos outros. Encontro nele, sempre, algo que ajuda na minha vida familiar ou profissional, tanto em Angola como em Portugal.

Assinante 26426

Notícias da minha terra-mãe

Só Deus sabe quanto bem me faz O GAIATO! Os temas para reflexão são imensos. As notícias sobre os gaiatos da minha terra-mãe, Angola, deixam-me triste, mas feliz por saber que Deus colocou junto deles, homens (como vós) que vão rasgando o solo e semeando a boa semente de Deus. Bem hajam!

Assinante 54917

Exame de consciência

Agradeço o exame de consciência que O GAIATO me leva a fazer. Devoro-o avidamente e acho sempre poucas

as páginas, embora profundamente tocante o conteúdo.

Há anos que gostaria de estar com os «Batacinhas», mas o egoísmo tem vencido sempre...! Agora, já não seria útil.

As notícias dos sem-casa e as de África criam-me um nó na garganta e aperto no coração.

Assinante 24798

Inquietação sacerdotal

A quantos trabalham na tão simpática e tão cristãmente necessária Obra da Rua, eu saúdo com muita alegria, pois é Obra que me enche a alma de padre, haver quem tanto trabalha e vive verdadeiramente preocupado com a multidão, infelizmente crescente, de jovens abandonados, sem rumo!

Leio O GAIATO que tanto bem espalha por esse Portugal fora, de «fio a pavio». Bem haja.

Padre Manuel

Diáspora

Troisdorf – Alemanha

Peço desculpa por só agora escrever e contribuir para a minha assinatura. Quero também agradecer as tuas notícias de 1995 até ao presente. Devo dizer: és um Jornal pequeno no tamanho, mas grande nas mensagens.

Tenho muita pena que algumas sejam tristes, mas, pensando bem, são a realidade.

Assinante 6431

Lachine – Canadá

Cada vez que vos escrevo, tenho na memória, como se de um filme se tratasse, dois gaiatos, talvez um de dez anos e o outro de doze, na Sertã, a distribuírem o vosso Jornal.

O mais velho agia como se o outro fosse o seu irmão mais novo... Meti conversa e, com franqueza, ficou-me gravada para sempre a polidez, a sagesse com que me falaram.

Para duas crianças sem o lar paterno e numa instituição como a vossa, nunca esperaria aquela pose e savoir-faire, indicando que tomavam um rumo na vida para serem homens úteis à sociedade e a Deus.

Isto já lá vão uns bons trinta anos, mas vou morrer com aquela imagem muito grata.

Tudo isto para saberdes que, por esse mundo fora, há indivíduos que apreciam a Obra da Rua, em tão boa hora iniciada por Pai Américo e, outros, inspirados por ele, vão continuando.

Assinante 67198

Merignac – França

Bem hajam por continuarem sempre, sem desanimar, a ajudar tantas crianças a terem oportunidade de viver como vale a pena.

É um trabalho que fazeis por nós todos, que escolhemos o caminho mais fácil de ir tratando da «nossa vidinha». Não consigo encontrar palavras para demonstrar como aprecio a vossa parte de vida, e como me sinto pequenino com a minha família abrigada e aquecida, ao lado de vós.

Deus vos dê o que esperais, que os homens nunca poderão retribuir o que fazeis em Portugal e em África. Eu leio... e fico «banzado» com o que conta.

Assinante 136235

Setúbal

Os grandes valores do Homem

N O meio de um mundo onde dominam, nos noticiários, sempre, as informações trágicas, necessariamente motivadoras de amargura, dor, pessimismo e egoísmo, consoante o ideal de cada pessoa e seu amor à vida e aos homens, é saudável destacar acontecimentos ricos de optimismo e beleza onde os grandes valores do Homem são entusiasticamente celebrados e acolhidos como ideais únicos da vida de muitos jovens!...

Neste último sábado de Carnaval a nossa casa da praia, na Arrábida, foi palco dum espectáculo magnífico que não devo encobrir.

Enquanto dentro de casa, oitenta jovens — rapazes e raparigas — cantavam efusivamente a sua alegria por se sentirem apanhados pelo ideal de Jesus Cristo, cá fora, no pequeno recinto de recreio, ajeitado em mini-campo de futebol, cento e quarenta jovens escuteiros celebravam, às 22 h, a santa Eucaristia em acampamento, sob um céu estrelado de encanto arrebatador, embaçados pelo suavíssimo marulhar do oceano, lá em baixo, imbuídos do ar leve e perfumado da serra da Arrábida, cantando louvores ardentes ao Criador e ouvindo atentamente a Palavra de Deus à luz de archotes, velas e candeeiros.

Em tempo de Carnaval, quando tantos outros jovens mergulhavam na torrente impetuosa de prazeres destruidores de si próprios, em busca duma felicidade cada vez mais fugidia, estes agarravam-se de alma e coração ao grande Homem e modelo de todos — Jesus Cristo.

Como bendisse a Deus por ter reservado na vastíssima Arrábida um cantinho delicioso para Seus jovens discípulos poderem ali saborear a Sua Obra e a Sua Pessoa.

PENSAMENTO

Deus do Céu e meu Senhor, que O GAIATO seja a palavra nova que apaixone as almas e lhes dê saudades das coisas divinas!

PAI AMÉRICO

A nossa Casa e o nosso espaço têm sido testemunhas de enormes alegrias, verdadeiras conversões a Cristo Vivo e compromisso de rara militância evangélica! Tenho pena que a televisão tendo nessa noite, como disse o nosso Bispo, exaltado somente factos sinistros, não tenha a curiosidade de vir filmar e introduzir no meio de tanta tragédia uma notícia feliz.

Creio que o mundo sempre teve esta tendência.

Agora que ando empenhado em descobrir poemas e poesias sobre a alegria, vejo-me em grandes dificuldades e o único compêndio onde me posso inspirar é o Evangelho de Jesus. Ali, sim, encontro o manancial da alegria completa.

Vou a África

... não abrir caminho para os meus rapazes — como fez o Padre Américo há quarenta e cinco anos. Que lá, por enquanto, as vias são poucas e nada atraentes. Vou, sim, comungar com os nossos Padres e os nossos Rapazes que lá perfilham a mesma apetência de se fazerem Homens. Observar de perto a heróicidade dos três Padres que em Angola e em Moçambique, no meio de perigos e necessidades indescritíveis têm comungado com a miséria do seu povo e lutado energicamente por um mundo melhor com as armas do amor e da paz bebidas no Evangelho. Vou para me encher da sua magnanimidade sacerdotal e me animar com eles em Jesus Cristo, pobre e abandonado.

Em Casa, a substituir-me, fica o nosso Padre Júlio, braço direito de Paço de Sousa, que agora vai assumir em pleno esta Casa.

Ficam as sacrificadas, escondidas e sublimes Mães de família — as nossas Senhoras — atentas a tudo e por tudo sofrendo.

Garantem o movimento diário, intenso, da vida, os rapazes mais sensatos, mais generosos e mais amadurecidos — os chefes!

Cada um no seu posto com a sua responsabilidade, agora acrescida pela minha ausência.

Manjor, este generoso, liberal, nobre e fraterno chefe, deixa-me ir em paz e promete ajudar o Padre Júlio nesta sublime experiência.

Não vou fazer falta nenhuma em Casa durante um mês.

Padre Acílio

Um lugar de trabalho

MOÇAMBIQUE

A nossa Casa é um lugar de trabalho intenso. Neste final do dia, estão os rapazes a ultimar os seus deveres escolares. Por isso, tanto silêncio cá dentro. Às nove estarão a dormir, que pelas cinco da manhã já é dia e desde as quatro, os das vacas, os maiores, estão a tirar o leite.

Às seis horas sobem ao refeitório e às sete estão dentro das salas de aulas até ao meio dia, hora em que correm para a refeição. Digo correm, porque andam mais de um quilómetro para se sentarem à mesa. À uma da tarde, estão outros na Escola e regressam quinze minutos

depois das cinco. Distribuição de roupa, banho e estudo até às seis e meia.

A oração, à porta do refeitório, por falta de lugar apropriado, termina com a revisão dos casos do dia. Os anos de rua deixaram feridas que não curam tão depressa, e são rapazes. Há que ter paciência e ensinar certo quem aprendeu errado. Às oito, descem a suas casas para repouso.

Todos os que estudam de manhã, cumprirão as suas tarefas de trabalho à tarde. São os da Primária. Os que estudam à tarde, andaram ocupados de manhã, alguns deles nas oficinas, nas obras, no campo com os tractores ou o gado, além de um grupo nas tarefas caseiras.

O mais pequenino, Américo, agora com oito meses, tem alguém de dia e de noite a tomar conta. Os dois a seguir, Lucas e Emanuel, com dois anos, não dispensam a vigilância de outros dois com um pouco mais de idade que eles; mas, nas horas de refeição, andam à solta. Sentam-se onde melhor lhes apetece e em qualquer lugar são servidos. Depois, todo o salão do refeitório é deles, alegres e despreocupados.

Temos os que chegaram pelo Natal e começo de ano. É um exercício saudável e frutuoso para todos, o acolhimento, o ensinar os bons modos à mesa, o prendê-los à obrigação a fazer, a correção fraterna nos recreios e onde quer que se encontrem. Alguns são deliciosos samaritanos a cuidar dos mais novos, outros, por temperamento ou esquecidos do que foram, querem-nos logo na linha. Há que pedir-lhes compreensão e

jeito, fazendo-lhes ver que amanhã serão pais e precisam hoje de aprender, a missão de educadores amanhã. Neste assunto quanto não é necessário insistir, para quebrar a barreira da tradição cultural!

Um dos nossos antigos, hoje no topo da administração bancária aqui em Maputo, dizia-me, um dia, que as nossas Casas são um laboratório. Ele viveu desde os sete anos, até completar a formação universitária no Porto. Falava a posteriori. Foi acompanhado e correspondeu sempre. Criou-se no ninho, ganhou asas e hoje vive nas alturas.

Mas acompanhar a uns desde os primeiros dias de vida e já são três assim; desde um ano a outros e de três aos vinte, ao mesmo tempo, com carências afectivas e de nutrição, com anomalias físicas e psíquicas, com deformações morais e sociais, com comportamentos agressivos e patológicos, não é trabalho de investigação intelectual, de matemática aplicada ou de equações complicadas. É apenas coração. É vivência amorosa, atenta e sem medida ao lado de cada um, alimentada por força interior, que só Deus sabe mantê-la em nós. Como me lembro da palavra de Pai Américo: «É o coração que mata a gente. Mata, eu sei que mata». Todos nós, Padres da Rua e Senhoras da Obra, sabemos o mesmo. Não manipulamos o ser de cada um, mas transmitimos o que há de mais imponderável. Somos só instrumentos do Amor de Deus que lhes chega, sensível, e por isso penetra fecundo, sara, emenda e molda estes rapazes.

Padre José Maria

Património dos Pobres

Continuação da página 1

Perguntámos e fomos na disposição de procurar o senhor Prior da freguesia mas, disseram, vive noutra paróquia e aparece ali poucas vezes.

Olhando para o casebre ficámos com a impressão de que não serviria para criação de animais e ali mesmo estão a ser criados homens e mulheres de amanhã. Que podemos esperar e exigir deles?!

A nossa consciência social, mal formada, permite e aceita este viver.

Padre Horácio

ENCONTROS em Lisboa

O ambiente nas Escolas

T ENHO tido alguns problemas com os meus miúdos que frequentam o oitavo ano. O problema arrastou-se desde há muito tempo. Intelectualmente são capazes. A resposta a qualquer incentivo está na ponta da língua e quando se trata de os advertir, ainda a boca não está aberta, já eles começam a debitar o discurso que se lhes deveria fazer. No entanto, as notas reveladoras do aproveitamento escolar são péssimas. Eles são seis. Vejamos: dois tiveram sete negativas, um cinco, um quatro, um três e um duas. O panorama é de pôr as mãos à cabeça ou à parede. Acontece que os professores estão conscientes das capacidades deste grupo a tal ponto que acham que não os devem propor para aulas de apoio. Eu estou de acordo porque nunca tive dúvidas sobre as capacidades de qualquer um deles. Que se passa?

Antes de mais, creio que eles estão perfeitamente conscientes de que se encontram numa escola com uma filosofia do «sucesso escolar», isto é, saiba-se ou não se saiba, no fim do ano, passa-se porque será uma maçada explicar por que é que houve chumbos; isso será mau para as estatísticas e a

polémica confusão entre anos de escolaridade e aproveitamento escolar ajuda ao caso. Mais: o ambiente nas escolas deixou de ser de trabalho. Exigência?!... E os furos?... Tem-me acontecido enviar miúdos para as aulas em que no horário figuram sete horas e eles me chegam dizendo que apenas tiveram duas ou três...

Um destes dias o verniz rebentou e, depois de uma tarde completamente desaproveitada e ainda de total irresponsabilidade diante de alguém que os queria ajudar, decidi-me por um castigo ao sábado, das 14 às 17 h, na sala de estudo, enquanto todos os companheiros andarão por lá nos futebóis e coisas iguais. Mais: decidi aplicar a mim também o castigo e, desde que possa, af estarei eu a estudar a seu lado.

Ainda não sei se, neles, o efeito das três horas de estudo vai resultar positivamente. Creio que até este momento quem aproveitou a sério do castigo fui eu. O tempo que vou estar com eles recordou-me o prazer da leitura, as longas horas que podia passar nesse deleite que muito me ajudou e que hoje, muitas vezes, me aguenta pelas razões de viver que fui apreendendo e pela estrutura de pensamento que em mim se foi alicerçando. Foi para mim uma maravilha ter tido a possibilidade de me aproximar da leitura e do bem

que ela faz. Gostaria que os meus pudessem, um dia, dizer o mesmo; mas como é que isso se faz?

Olhando para a minha experiência, creio que sem tempo calmo e sereno não é possível conseguir-se o gosto da leitura. É preciso tempo, disponibilidade de espírito, curiosidade, silêncio, iniciação. Quando olho do desperdício que, hoje, as nossas escolas fazem dos furos, sinto pena. Não só não são aproveitados positivamente, como constituem um elemento de dispersão total que pode arruinar todo um dia de aulas e mesmo a vida dos nossos filhos (onde andam?). Já chega toda a incapacidade de interiorização que a vida nos provoca, para ainda termos a escola a ser um elemento coadjuvante.

Entretanto, vou cedendo ao prazer de cumprir o meu castigo e recordo algumas frases que vi, há tempos, numa obra que me passou pelas mãos: «Um livro bem seleccionado e bem lido, alarga muito mais a nossa mente que quarenta filmes». Também vemos a outra parte: «Uma hora de leitura exige um esforço mental maior que cinco horas de televisão ou que dez de conversa no café». Tudo uma questão de escola. Mas, sem esforço, alguma vez se conseguiu algo?

Padre Manuel Cristóvão